

não vieram de uma situação de casamento já provado na religião protestante –; vocação específica da mulher de padre; a questão dos filhos; o dinheiro, nervo da guerra; a difícil mobilidade e a disponibilidade em questão; a aceitação pelos fiéis; a não militância destes padres casados em favor da abolição do celibato; o problema do divórcio em alguns destes casos e o de fazer ou não fazer amor no dia anterior à celebração da Eucaristia.

Na quarta parte, Jean Mercier passa em revista «a grandeza e as dificuldades dos padres casados». Começa pela experiência, de longa tradição, das Igrejas orientais, uma experiência reconhecida pela Igreja de Roma e que considera globalmente positiva, embora com diferenças de algum relevo, na prática do ministério, entre padres casados e celibatários e sempre com a maior disponibilidade e mobilidade destes. Assinala ainda a dificuldade afectiva proveniente de o padre casado ser, de certo modo, um «bígamo», dividido entre o amor à esposa natural e o amor à esposa mística, a Igreja. Informa em seguida e analisa sobre o que se passa com os diáconos permanentes, o que se passou com os padres clandestinos checos durante o domínio comunista e, do mesmo modo, sobre o que se passa com o clero protestante e o ortodoxo.

A última parte, diríamos que, na dinâmica do ver-julgar-agir, é a do julgar. O autor intitula-a interrogativamente «Une révolution nécessaire?». Começa por denunciar a sistemática manipulação dos *media* quando o assunto se faz notícia. Regista algumas vozes de «tenores» da Igreja (sobretudo alguns cardeais) em favor da ordenação de *virī probati* ou simplesmente de uma opção livre pelo celibato. Relata resumidamente a grande movimentação, com mistura de religião e política, no mundo germânico (Alemanha,

Áustria e Suíça germânica) – um mundo sistematicamente anti-romano, em favor da ordenação de padres. Analisa – tudo parece mostrar que com bastante critério humano e eclesial – o que considera «a panaceia face à penúria do clero». Aponta, com muita prudência e sabedoria, pistas possíveis para uma eventual mudança da disciplina vigente. Em conclusão, Jean Mercier deixa perceber, com nitidez bastante, que a sua opinião, não sendo em absoluto contra determinados casos de admissão de padres casados, todavia é, fundadamente, a favor da manutenção, ao menos largamente predominante, de um clero celibatário que viva, como graça e com a força da graça, a sua condição de celibatário.

O seu livro irá certamente ser lido por muitos bispos e, talvez, pelo próprio Papa. E, sem dúvida, irá ajudar em grande medida a formar opinião sobre o assunto e a tomar qualquer eventual decisão legislativa a respeito.

JORGE COUTINHO

ÉTICA / MORAL

CAPPELLO, Philippe (dir.), **Objection de conscience**, Éditions François-Xavier de Guibert (Groupe Artège : www.artege.fr), 176 p., 215 x 135, ISBN 9782755405682.

Este livro procura ir ao encontro dos problemas de vária ordem com que se defrontam numerosos cidadãos em face da multiplicação de leis que chocam a sua consciência. Resistir à sua aplicação, com o risco de perder o próprio emprego? ou tomar decisões contra a consciência?

Um grupo de homens da Igreja, filósofos e jornalistas procura aqui oferecer pontos de referência para o comportamento dos cristãos. Aspectos morais, ética de responsabilidade, separação laica e unidade católica ou a vida interior em acção, o direito à objecção de consciência na França e na Europa, eficácia limitada de um direito fundamental à objecção de consciência, desobediência civil e necessidade de uma atitude colectiva são temas aqui versados. Com um excursus final sobre Franz Jägerstätter, mártir da objecção de consciência.

LUÍS SALGADO

LARGHERO, Jeanne, **Quand la philosophie se mêle de sexe**, Desclée de Brouwer (Groupe Artège : www.artege.fr), 178 p., 200 x 130, ISBN 9782220066233.

Num tempo em que se propaga uma enorme confusão sobre sexo, género, igualdade e diferenças entre homem e mulher, atitudes estúpidas como a de um conhecido «orgulho gay», etc. etc., esta senhora, formada em filosofia e letras na Sorbonne, procede aqui a uma minuciosa e rigorosa análise fenomenológica do que nivela e do que diferencia um homem e uma mulher. Com isso, procura fazer luz sobre essa questão que hoje tende a tornar-se uma ideologia e que é a questão do género (*gender*). A autora vai ao encontro de muita confusão sobre o assunto e, com a boa base de filosofia de que faz uso, coloca as coisas no seu devido lugar.

Começa com um capítulo dedicado à relação entre sexo e anatomia. Segue com outro, mais longo, sobre a relação entre sexo e género. Analisa a ideia de género, com que pretensamente a ideologia

em marcha tende a substituir a ideia de sexo. Mostra, por a + b, que o género é, efectivamente, uma construção cultural, enquanto que o sexo pertence à ordem da natureza. Muito femininamente evitando a especulação mais abstracta, passando por alto a referência à hodierna mentalidade anti-metafísica e à ocupação do seu lugar pela filosofia de linguagem e da cultura, mostra, com muita clareza, inclusive pondo a nu as suas contradições, que há coisas – entre as quais, ser homem ou ser mulher – por mais que possam dever algo à construção cultural do tempo evolutivo, pertencem, que se queira ou não, à ordem da natureza, que nenhuma construção cultural pode alterar. O que a essa construção é devido, é o que se pode designar por género; mas, subjacente a ele, há sempre isso que é da ordem natural – do dado, que não do feito – e a que chamamos sexo masculino ou sexo feminino.

Jeanne Larghero passa em revista os movimentos feministas e o movimento «gay» e põe a nu as fragilidades das suas lógicas internas. À contradição intrínseca da teoria do género dedica uma capítulo à parte.

Um capítulo exclusivo é dedicado ao que a autora considera «a chave da questão», ou seja, o que significa «natureza». Analisa depois a realidade sexuada, mostrando que o sexo é uma dimensão da pessoa. Analisa o sentido das diferenças anatómicas entre o masculino e o feminino: o lugar, o tempo, o ciclo e a linha, o stock e o fluxo, etc. Mas também as diferenças no plano afectivo, mostrando que há corações masculinos e corações femininos.

O livro termina com um longo capítulo em que a autora descobre sentidos inexplorados na narrativa do Génesis sobre a criação do homem e da mulher. Com muita finura e muita profundidade. A iluminar com um texto não filosófi-